Recital
Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

RECITAL ENTREVISTA A PROFESSORA MÁRCIA ALVES SOARES DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO)

O lugar das emoções no pensamento geográfico

Entrevistadores
Leonardo Luiz Silveira da Silva (Colégio Militar de Belo Horizonte)
Alfredo Costa (Instituto Federal do Rio Grande do Sul campus Caxias do Sul)

DOI: https://doi.org/10.46636/recital.v6i3.673

Apresentação

Convidamos nesta entrevista a professora Márcia Alves, vinculada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). A professora é uma referência no campo da geografia emocional no Brasil e uma das responsáveis por trazer essa discussão – já consolidada em parte da produção anglófona – para o cenário acadêmico brasileiro. As geografias emocionais têm se mostrado um campo capaz de dialogar com os pressupostos da virada afetiva (*affective turn*) – muitas vezes associadas também à chamada virada emocional (*emotional turn*) – e oferecem importante suporte às renovações teóricas e metodológicas da geografia cultural contemporânea.

Márcia Alves Soares da Silva é Professora Adjunta do Departamento de Geografia da UFMT, no campus de Cuiabá, onde também coordena o Programa de Pós-Graduação em Geografia. É docente permanente desse programa e colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Estudos em Cultura Contemporânea da mesma universidade. Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), realizou estágio doutoral no Departamento de Filosofia da Universidade de Évora, em Portugal, com bolsa CAPES. É mestre em Geografia

pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e licenciada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Sua trajetória acadêmica é marcada por uma contínua dedicação aos campos da geografia cultural, humanista e urbana, com especial ênfase nas geografias emocionais – tema que se consolidou a partir de sua tese de doutorado e que tem norteado sua produção intelectual e atuação docente. Coordena o grupo de pesquisa HPGEO – História do Pensamento Geográfico e Epistemologia da Geografia (UFMT), e integra os grupos GHUM – Geografia Humanista Cultural (UFF) e Espacialidades da Cultura (UFPR). Atua também em articulação com pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas, tanto no Brasil quanto no exterior, investigando temas como espaço urbano, patrimônio cultural, memória, religião, neuroarquitetura, espaço público e teorias mais-que-representacionais.

Palavras-chave: Geografia Emocionais. Geografia Cultural. Teorias Mais-Que-Representacionais.

Entrevista

Leonardo Silva [LS]: Professora Márcia, muito obrigado pela sua presença. Estamos ansiosos para discutir um tema tão interessante e que, apesar de estar crescente, ainda é incipiente em terras brasileiras. Temos consciência do quanto você é uma referência no interior da temática das geografias emocionais. Inicialmente, queria pedir a você que situasse as geografias emocionais ao longo do desenvolvimento do pensamento geográfico e ressaltasse suas subáreas. Pediria também para que analisasse o impacto das viradas sobre elas.

Márcia Alves [MA]: Certo, eu que agradeço o convite; é sempre bom poder dialogar, às vezes de uma forma mais espontânea especialmente com vocês que também flertam com esses temas. As geografias emocionais surgem, como diz Liz Bondi[53] , de uma base da geografia humanista, da geografia feminista e da própria psicanálise. Como falei, as geografias emocionais já eram debatidas no seio da geografia cultural e humanista, de bases fenomenológica, existencialista e pós-estruturalista. Mas a ideia de pensar uma geografia emocional é, de fato, colocar as emoções como uma problemática espacial e problematizar o que são as emoções para além da sua dimensão mais subjetiva, mas na sua dimensão mais ampla, como a geografia humanista fez, por exemplo, quando trata do conceito de lugar, das relações de intimidade, de proximidade, da topofilia, topofobia[54], ou a geograficidade do Eric Dardel[55]. Então, a ideia de uma geografia emocional era, de fato, problematizar o que são as emoções, como elas produzem o conhecimento geográfico e como são parte fundamental da nossa mediação espacial[56]. Ou

[53] BONDI, Liz. Making connections and thinking through emotions: between geography and psychotherapy. Transactions of the Institute of British Geographers, v. 30, n. 4, p. 433–448, 2005.

[54] TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

[55] DARDEL, Éric. O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Perspectiva, 2015.

[56] PARR, Hester. Emotional geographies. In: CLOKE, Paul; CRANG, Philip; GOODWIN, Mark (ed.). Introducing

seja, as emoções têm uma expressão espacial. Quando eu falo nomear é realmente entender: O que é o medo? O que é a ansiedade? O que é a alegria[57]? Debater estas questões nem sempre foi uma preocupação das geografias anteriores, dessas heranças anteriores, principalmente quando a gente pensa em geografia humanista.

Talvez seja necessário reafirmar esse termo geografias emocionais e fundar essa subárea, com a intenção não de abandonar o que veio anteriormente, mas de trazer um propósito mais claro que é demarcar essas emoções e compreender como elas têm essa expressão espacial. Então, quando a gente vê os trabalhos das geografias emocionais, principalmente fora do contexto brasileiro, vemos que há uma demarcação mais clara dessas emoções. Tem um trabalho muito interessante sobre as geografias emocionais da campanha eleitoral no Equador[58] que traz esse aspecto político das emoções; outro exemplo seriam as propostas sobre as geografias emocionais pensando a experiência de mulheres lésbicas no espaço público. No interior da temática existe esse aprofundamento, esse recorte emocional mais bem definido do que entender uma dimensão mais ampla das experiências subjetivas num espaço, que a geografia cultural e a humanista trouxeram nessas últimas décadas.

[LS]: Seria interessante se a senhora pudesse falar pra gente qual é o escopo de preocupação das geografias emocionais? Até onde podemos tentar delimitar o campo de estudo? Quais são os objetos de interesse?

[MA]: As geografias emocionais não surgem do nada; elas têm uma bagagem que para nós no Brasil já é bastante conhecida, em especial do âmbito da geografia humanista, a partir dos anos 70 e anos 80. Então, as geografias emocionais se baseiam nessa bagagem anterior, que tem esse interesse em discussões subjetivas e na relação disso com a questão espacial, pra produzir essa subárea da geografia humana. As geografias emocionais surgem desse flerte com a geografia humanista, com a geografia feminista e com a psicanálise. E, no caso, as produções vão sendo sistematizadas, em especial, a partir dos anos 2000, em língua inglesa: destaca-se um livro, o *Emotional Geographi*es[59] de Kay Anderson e Susan Smith, que foi produzido ali no início dos

human geographies. 2. ed. Londres: Routledge, 2005. p. 427–436.

[57] THIEN, Deborah. Emotional geographies. In: RICHARDSON, Douglas; CASTREE, Noel; GOODCHILD, Michael F.; KOBAYASHI, Audrey; LIU, Weidong; MARSTON, Richard A. (ed.). The International Encyclopedia of Geography: People, the Earth, Environment, and Technology. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2017. p. 1–5.

[58] RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. ¿Quién tiene Derecho a la Ciudad? Jóvenes lesbianas en Brasil y Cataluña desde las geografías emocionales e interseccionales. Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, v. 7, n. 1, p. 3–20, jan./jul. 2016.

[59] ANDERSON, Kay; SMITH, Susan J. Editorial: Emotional Geographies. Transactions of the Institute of British Geographers, v. 26, n. 1, p. 7–10, 2001.

BONDI, Liz. Making connections and thinking through emotions: between geography and psychotherapy. Transactions of the Institute of British Geographers, v. 30, n. 4, p. 433–448, 2005.

DAVIDSON, Joyce; MILLIGAN, Christine. Embodying Emotion Sensing Space: Introducing Emotional Geographies. Social & Cultural Geography, v. 5, n. 4, p. 523–532, 2004.

SMITH, Mick; DAVIDSON, Joyce; CAMERON, Laura; BONDI, Liz. (Eds.). Emotion, Place and Culture. Farnham: Ashgate, 2009.

WOOD, Nichola; SMITH, Susan J. Instrumental routes to emotional geographies. Social & Cultural Geography, v. 5, n. 4, p. 533–548, 2004.

PILE, Steve. Emotions and affect in recent human geography. Transactions of the Institute of British Geographers, v. 35, n. 1, p. 5–20, 2010.

LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel. (Dirs.). Teoría y paisaje II: Paisaje y emoción. El resurgir de las geografías

anos 2000. Basicamente a proposta de geografias emocionais é problematizar as emoções a partir de um viés espacial. Isso tem muito a ver também com a virada emocional nas ciências humanas, de maneira geral, que se tornou vultuosa a partir dos anos 2000. A geografia vai aproveitar desse cenário, dessa virada emocional[60], para pensar as emoções a partir do nosso objeto-chave de reflexão, que é o espaço.

Então, a preocupação central é entender como que as emoções - que são parte das nossas relações sociais - podem ser uma mediação da nossa relação com o espaço. Isso é problematizado a partir de diferentes perspectivas, mas entendendo as emoções como fonte de construção de conhecimento. Então, a ideia é a gente entender como que essa observação atenta sobre as práticas emocionais também nos revela práticas espaciais, e vice-versa. Nesse contexto, talvez o elemento fundamental dessa problematização seja o corpo.

Pensando esses diferentes atravessamentos emocionais, o corpo é um elemento chave dessa reflexão. E aí isso se volta, inclusive, para o aspecto biológico das emoções ou da própria neurociência, quando se pensa em quais são as dinâmicas do nosso corpo que propiciam a gente a experienciar e expressar as emoções. A experiência emocional reverbera na expressão do corpo e esta expressão também é espacial. A partir do entendimento das emoções como relacionais, a proposta é entender como que as emoções nos contam experiências espaciais. A ideia não é entender as emoções por si só, porque talvez não seja o nosso métier, enquanto geografia - e outras áreas do conhecimento vão de fato tentar entender as emoções no seu aspecto mais biológico, no seu aspecto mais fisiológico, inclusive.

Temos, anteriormente à geografia, algumas áreas que já problematizam a questão das emoções, como a própria psicologia, a neurociência, a biologia, a antropologia e a sociologia. A geografia acaba tendo uma produção até mais tardia, no sentido de definição de uma área de estudo, apesar de trabalhos pontuais já terem sido produzidos no âmbito da disciplina. Isso é uma questão importante, porque as pessoas que trabalham no âmbito da geografia cultural ou da geografia humanista ficam um pouco com essa dúvida: qual é a diferençado que seria uma "geografia emocional" para uma "geografia humanista" que trabalha também a subjetividade e o lugar? A grande problematização que os geógrafos e geógrafas que trabalham nessa perspectiva das geografias emocionais é que as geografias emocionais preocupam, de fato, em nomear essas emoções. Que não foi necessariamente uma preocupação da geografia cultural ou da geografia humanista, porque colocavam essa experiência emocional no bojo mais amplo de uma experiência subjetiva. Também não foi uma preocupação nos trabalhos que travaram uma discussão da percepção e do comportamento, como os que foram desenvolvidos a partir dos anos 70.

Então, as geografias emocionais se propõem a, de fato, nomear essas emoções. Por exemplo, o que o medo, o que essa experiência emocional do medo nos explica, sobre determinadas experiências urbanas na cidade ou no espaço público? Como que isso está relacionado com a perspectiva de gênero? O que é o medo para as mulheres? O que é o medo para os homens? Ou outras interseccionalidades também que são muito problematizadas, inclusive, pela geografia feminista. Todos esses questionamentos guiados pelo papel do corpo, ou seja, o corpo como

emocionales. Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña; Universitat Pompeu Fabra, 2015.
PILE, Steve. For a geographical understanding of affect and emotions. Transactions of the Institute of British Geographers, v. 36, n. 4, p. 603–606, 2011.

[60] BONDI, Liz; DAVIDSON, Joyce; SMITH, Mick. Introduction: Geography's 'Emotional Turn'. In: DAVIDSON, Joyce; BONDI, Liz; SMITH, Mick (ed.). Emotional Geographies. Aldershot: Ashgate, 2005. p. 1–16.

essa ponte que conecta as emoções e o espaço, que é múltiplo em sua experiência. Por isso esse debate da interseccionalidade também é algo relevante para os estudos das geografias emocionais. Então, a grande questão que eu acredito que seja importante esclarecer é o porquê das geografias emocionais se tornarem um debate mais contemporâneo. Primeiro porque, de fato, há essa sistematização de uma área a partir dos anos 2000, em especial em produções em língua inglesa; mas também porque há essa preocupação em nomear essas emoções e entender como essas emoções produzem essas espacialidades e que, na minha tese, eu problematizei como espacialidades emocionais. Entendendo esse corpo como essa ponte de expressão emocional. Então, o corpo é essa maneira, entre aspas, visível ou materializada do que seria essa relação entre emoções e espaço.

Alfredo Costa [AC]: Sua fala me suscitou algumas reflexões. No seu artigo "Por uma Geografia das Emoções"[61], a senhora diz que a geografia das emoções defende a ideia de que as emoções também são fenômenos espaciais. E também trabalha sobre a perspectiva da importância da geografia das emoções para análise da complexidade do meio urbano. Na sua fala, a senhora aponta as emoções ao mesmo tempo como corpóreas e como individuais, e também propõe que seria possível criar algumas reificações tais como o sentimento dos homens, o sentimento das mulheres, e poderíamos tentar extrapolar isso a outros recortes, tais como os jovens, os mais velhos, brancos, negros, etc. Nesse contexto, como a senhora enxerga as possibilidades de reificações tanto do ponto de vista temporais, espaciais e humanos, dentro da geografia das emoções? Em outras palavras, é possível falar de emoções coletivas e não identitárias? É possível mapear isso? Se sim, qual seria a duração desse material?

[MA]: Uma das coisas que acho que é fundamental nas geografias emocionais é o fato de ela ser experimental, no sentido de estar muito aberta às possibilidades, ao que aparece, e aí um pouco do que o Nigel Thrift[62] vai trazer dentro da teoria não-representacional, ou mais-que representacional que tem sido chamada de geografia do que acontece[63]. Não que isso não exija um rigor ou não que isso, de certa forma, produza um conhecimento que tenha fragilidades; é uma produção de conhecimento sempre aberta a problematizações, interpretações e tudo mais. Então, uma das questões fundamentais das geografias emocionais é, de fato - e aí a própria questão espacial e geográfica provoca isso - entender que as emoções não são uma experiência individualizada. Não é o nosso foco central - e talvez outras áreas do conhecimento vão por essa linha (de tratar as emoções como uma experiência individualizada) -, mas a ideia é a gente pensar sempre as emoções socialmente como parte de uma dinâmica social e, consequentemente, espacial. Isso também não significa que essas individualidades vão se perder e que possamos falar de uma experiência emocional que é igual para todas as pessoas; não é isso. Mas a ideia é entender, dentro de certos contextos espaciais, que existem dinâmicas emocionais. Isso é a nossa premissa. Em toda produção espacial há, inerentemente, uma

[61] SILVA. Marcia Alves Soares da. Por uma Geografia das Emoções. GEOgraphia, v. 18, n. 36, p. 99-119, 2016.
[62] Nigel Thrift é um geógrafo britânico conhecido por suas contribuições à geografia humana, especialmente por desenvolver a teoria das geografias não-representacionais.
[63] A "geografia do que acontece" é uma forma de pensar o espaço que foca nos acontecimentos, nas práticas e nas experiências em curso, em vez de apenas representar o mundo por mapas fixos ou categorias estáticas. Essa abordagem valoriza o movimento, a emoção, o corpo, os afetos e as interações cotidianas — ou seja, o processo vivo da geografia, mais do que sua estrutura. Está ligada à ideia de geografias não-representacionais, como as propostas por Nigel Thrift, que buscam captar o mundo em sua fluidez e dinamismo.

dinâmica emocional intrínseca. Essa dinâmica emocional pode aparecer de diferentes formas. Eu acho que, inclusive, a depender da proposta metodológica que a gente propõe a dinâmica emocional pode se apresentar de diferentes formas.

Então, uma das grandes provocações das geografias emocionais, em especial pelas geógrafas feministas, é esse aspecto político das emoções e esse aspecto da questão do corpo. O debate interseccional exige pensar na experiência emocional de forma diferenciada para as pessoas que estão ali diretamente em contato com essa dinâmica. Mesmo que a gente faça um recorte de gênero - por exemplo, "o que é o medo para as mulheres?" -, à medida que desenvolvemos a investigação, esse medo vai aparecendo de formas diferentes: então, o que é o medo para uma mulher negra periférica? O que é o medo para uma mulher branca que tem uma determinada classe social? Essas são questões fundamentais. Então, tem um pouco esse debate acerca de pensar as emoções não como uma dinâmica individualizada, mas como parte de uma dinâmica social mais ampla. Dentro disso, é instigante pensar como podemos fazer essas provocações no âmbito de cada corpo ou de cada experiência. Talvez não fazer generalizações seja o grande desafio, tanto metodológico quanto teórico e conceitual, mas, ao mesmo tempo, precisamos entender que, em determinadas espacialidades, certas emoções estão presentes.

Devemos pensar também em quais são esses elementos do espaço que nos revelam essas emoções. Então, por exemplo, eu posso trazer um argumento muito generalizado, mas que é muito comum, que é a prática espacial de nós mulheres: qualquer lugar no espaço público que seja escuro, à noite, sem infraestrutura de iluminação, vai trazer algum tipo de emoção de medo ou de angústia, de ansiedade, dentre outras. Talvez isso devamos pensar este exemplo para homens e mulheres; como falei, não quero reduzir a experiência de gênero a esse dualismo entre homens e mulheres, mas aqui eu estou fazendo esse recorte mais fácil de compreender. Então, temos uma experiência comum, é o medo, por exemplo, em função de uma infraestrutura específica que é ausente dentro do espaço urbano, que é a iluminação no centro de uma cidade no período noturno. Mas o meu medo pode estar muito mais relacionado a uma violência que eu posso sentir, uma violência física, uma violência no meu corpo, um tipo de violência que é muito comum, inclusive, quando a gente pensa no contexto das cidades brasileiras. Já para os homens, essa violência pode ser mais a nível do material, um roubo, um furto ou algo do tipo.

Talvez a grande provocação que se faça para as geografias emocionais é esse aspecto político das emoções, ou seja, é possível fazer algo com essas emoções para além de senti-las de forma individualizada. As geógrafas feministas que fazem essa crítica com maior profundidade querem pensar esse aspecto político das emoções[64]. Essa discussão justifica o tema do nosso evento do ano passado, o 2º Encontro Luso-Brasileiro de geografias emocionais[65], que foi a justiça espacial afetiva. Também reside no interior deste tema uma discussão em torno do direito afetivo à cidade. Então, como que a gente pode pensar as emoções como um elemento importante para problematizar debates que aparentemente só são discutidos em torno de uma dinâmica mais visível, mais material, sobre o que é a cidade, ou sobre o que é a vida urbana, por exemplo. Essa discussão entra em outras dinâmicas: eu falei sobre a questão de gênero, mas também podemos pensar no debate racial, ou o racismo ambiental. Por exemplo, a gente está falando de uma dinâmica racial conectada especialmente a uma questão espacial e como que

[64] BONDI, Liz. The place of emotions in research: from partitioning emotion and reason to the emotional dynamics of research relationships. In: DAVIDSON, Joyce; BONDI, Liz; SMITH, Mick (ed.). Emotional Geographies. Aldershot: Ashgate, 2005. p. 231–246.

[65] Ver: https://www.igot.ulisboa.pt/eventos/ii-encontro-luso-brasileiro-de-geografias-emocionais

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

isso também expressa uma dinâmica emocional específica. Têm-se falado sobre a angústia climática[66]. Podemos ainda relacionar esse debate às dinâmicas de migração. Então, tem vários debates que a gente pode problematizar em torno das geografias emocionais e tentando investigar o que são essas emoções próprias dessas dinâmicas. É de se destacar que a revista *Emotion, Space and Society* é a grande sistematizadora dessas problematizações sobre as geografias emocionais.

[LS]: Eu gostaria de retomar a questão da duração. Durante minha participação do último Encontro Luso-brasileiro de Geografias Emocionais eu pude notar um apelo grande dessa questão social. Como estou experimentando a temática, senti um pouco de estranhamento na abordagem, que é mais materialista, uma abordagem social - não vou dizer marxista, porque o rótulo é muito rígido - que, às vezes, busca a formação de ontologias de classe, busca reificações e, por outro lado, uma parte da literatura que tenho tido contato sobre esse tema é fortemente mais-que-representacional. A minha impressão, *a priori*, como leigo da área de investigação, é que talvez essa pegada mais reificada seria uma forma da geografia emocional se encaixar dentro dos anseios brasileiros, da pesquisa brasileira. Talvez isso tenha dado eco em Portugal. Mas quando você olha um pouco para os anglo-saxões, parece que a perspectiva é algo um pouco diferente...

[MA]: Sim, eu concordo, em especial porque aqui a produção brasileira é bem mais recente. A gente está trabalhando num artigo para fazer essa análise das geografias emocionais no Brasil, uma produção que ocorreu nos últimos dez anos. Então, realmente é bastante recente. Eu vejo um pouco isso que você falou, Leonardo, e seu argumento talvez esteja ligado a uma herança que nós temos da geografia humanista e da geografia cultural, ou da nova geografia cultural, que aqui no Brasil ainda é muito centrada nessas preocupações. Então, os pesquisadores e pesquisadoras que vão se enveredar pelo caminho das geografias emocionais, geralmente já têm essa bagagem, já carregam essa herança das bases da geografia cultural, da geografia humanista ou da nova geografia cultural, que é, por exemplo, a minha trajetória. Dificilmente você vai ver uma pesquisa que caiu de paraquedas; as pesquisas já carregam essa bagagem e, dentre as produções de geografias emocionais no Brasil, vemos como referências autores e autoras da geografia humanista, por exemplo. Quando pensamos nos grandes eventos no Brasil, em que alguns deles ainda têm algum grupo de trabalho da geografia cultural, por exemplo, onde eu me encaixaria com uma temática como a geografia emocional? Então tem um pouco isso de realmente a gente procurar esses caminhos que já estão consolidados para que a gente possa se encaixar. Porque é muito desafiador a gente problematizar uma nova área de conhecimento quando há poucas produções no nosso idioma ou dentro dos contextos institucionais com que a gente tem diálogos mais próximos.

Uma das coisas que a gente pensa também sobre as geografias emocionais aqui no Brasil é esse desafio de trabalhar a partir de uma perspectiva não-representacional ou mais-que-representacional, pelo próprio desafio epistemológico dessa provocação. Esse desafio existe também pela necessidade de leituras em outros idiomas, de ter acesso a isso. Então, acaba que o que é mais familiar, é, de fato, esse material que já há muito tempo é traduzido aqui no Brasil

[66] VERLIE, Blanche. Feeling climate injustice: affective climate violence, greenhouse gaslighting and the whiteness of climate anxiety. Environment and Planning E: Nature and Space, v. 7, n. 4, p. 1601–1619, ago. 2024. VERLIE, Blanche. "Climatic-affective atmospheres": a conceptual tool for affective scholarship in a changing climate. Emotion, Space and Society, v. 33, p. 100623, nov. 2019.

e que traz essa provocação da subjetividade, que é, em especial, parte da geografia humanista e da geografia cultural, e que conduz muitas pesquisas por essa linha. O que eu acho que, por um lado, é bastante positivo, porque mostra o interesse das pesquisas estarem se guiando por essas perspectivas mais contemporâneas. Mas, por outro, talvez traz uma base ou uma herança que é justamente essa bagagem que a gente tem para dentro das geografias emocionais, e que talvez não permita uma renovação ou uma ampliação da produção do conhecimento nessa área a partir de provocações mais contemporâneas.

Sobre a pergunta que o Alfredo traz anteriormente, sobre essa questão da duração, esse também é um grande desafio, talvez, metodológico para geografias emocionais, que é: como a gente faz essa métrica? Primeiramente, como a gente materializa as emoções? Como a gente torna essas emoções visíveis? E, às vezes, a gente vê que o caminho mais fácil são metodologias mais tradicionais, como entrevistas, questionários, que são as pessoas falando sobre as suas emoções, e aí a gente faz essa interpretação à luz de um debate da geografia emocional. É importante compreendermos que a própria mudança do nosso cotidiano - essa rapidez das mudanças - também são parte de uma experiência emocional. Então, de fato, às vezes a gente vai ter uma análise de uma geografia emocional nesse contexto que, em uma distinta temporalidade, já não corresponde àquela realidade. Mas eu acho que também não é essa a proposta da geografia emocional, no sentido de trazer questões já prontas ou acabadas. Entendo que a geografia emocional está sempre em movimento. E essa é, talvez, a premissa fundamental das emoções; inclusive, a raiz etimológica da palavra emoção é o movimento. As emoções nos convidam a esse movimento espacial, essa expressão espacial.

Talvez não seja nosso interesse ou nossa preocupação entender a duração dessas emoções: talvez entre aí a questão das geografias mais-que-representacionais, na qual toda emoção importa, independentemente da duração, de como, onde. Mas esse é o desafio também: como conseguiremos consolidar uma reflexão, tendo em vista que esse debate está sempre em movimento?

[AC]: Eu percebi que, vez por outra, a senhora emprega a palavra afeto como sinônimo de emoção. A senhora diferencia geografias emocionais de geografias afetivas, ou na sua pesquisa emoção e afeto são trabalhados como sinônimos?

[MA]: Quem trabalha dentro dessa perspectiva às vezes utiliza os termos como sinônimos, ou às vezes faz essa distinção do que é o sentimento, do que é o afeto, do que são as emoções. E aí, no meu trabalho iniciei discutindo sobre a geografia das emoções de forma muito ligada ao que já estava sendo produzido fora do Brasil, em língua inglesa. Mas com o tempo também comecei a utilizar o termo geografias emocionais, pensando não necessariamente só como uma área ou subárea da geografia humana, mas em algo plural, no sentido de entender como que, dentro de uma mesma espacialidade, por exemplo, a gente pode produzir variadas geografias emocionais. Então, penso nesse termo - geografias emocionais - não só como uma área de produção, mas também como um resultado, diríamos assim, dessa relação entre emoções e espaço.

A questão do afeto, eu, sinceramente, não faço muito essa distinção, embora eu saiba que, filosoficamente, haja essa separação entre o que seriam as emoções e o que seria o afeto. Essa ideia do afeto muito mais ligada à questão da afetação do corpo - em um debate comum às geografias mais-que-humanas -, ou seja, que pensa esse afeto não só dentro dos contextos humanos, mas também de contextos não-humanos. Na minha produção eu não faço essa

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

separação necessariamente, embora utilize mais o termo geografias emocionais ou emoções. Penso que o termo emoções me parece mais palpável para as pessoas, mais popular, diríamos assim. Porque falamos muito disso fora do contexto da geografia, temos utilizado muito esse termo das "emoções", "inteligência emocional", etc. Então, mesmo que separações sejam necessárias, eu estou dizendo que, da minha parte, não é meu propósito fundamental nesse momento fazer essas separações. "Eu faço uma geografia emocional, você faz uma geografia afetiva, você faz uma geografia sentimental": talvez a gente reforce ainda mais essas cisões, essas separações, do que fortaleça o interesse no que há em comum.

Eu entendo que há uma necessidade epistemológica, filosófica e ontológica do que seriam esses termos, mas nesse momento, para mim, não é uma grande preocupação quando eu penso que essa é uma produção muito recente no Brasil. Foi uma das coisas que eu percebi, até fazendo uma análise mais recente por esse artigo que escrevemos[67] sobre as geografias emocionais em língua portuguesa: pensando no Brasil e em Portugal, às vezes as pessoas nem utilizam nenhum desses termos, mas estão produzindo uma geografia emocional ou, pelo menos, estão trazendo uma reflexão que coaduna com o que as geografias emocionais têm feito. Talvez essa também seja uma questão fundante das geografias emocionais: romper esses rótulos, essas caixinhas ou divisões que, às vezes, funcionam muito mais para nos separar do que para nos unir, apesar do nosso interesse comum. Muitas pesquisas que travam debates emocionais e que têm como base a produção dentro da geografia humanista ou da geografia cultural têm trazido preocupações em comum. Nesse momento, eu utilizo esses termos como sinônimos. Embora, como eu falei, eu tenha me aprofundado mais dentro do debate das teorias não-representacionais, ou mais-que-representacionais, em que eu vejo que há essa separação mais nítida do que seria o afeto, do que seriam as emoções. Uma separação oriunda de uma base filosófica-ontológica.

[AC]: Parece que existe um entendimento de que uma das grandes viradas proporcionadas pelas geografias emocionais é a colocação da emoção como objeto de estudo ou protagonista no estudo. É como se eu não estivesse falando das mulheres no espaço e o medo, mas o medo das mulheres no espaço. O foco é o "medo", é entender o "medo", o que é emoção "medo". A primeira coisa que fiquei pensando é quais são as categorias de análise mais adequadas para trabalhar com as emoções. O lugar parece a categoria de análise da geografia emocional por excelência. Mas eu fiquei pensando se a gente pode falar em paisagens emocionais, em territórios emocionais, em regiões emocionais... Eu gosto muito da ideia de a gente refletir os sentidos no espaço. Quando eu viajo de Minas Gerais aqui para o Rio Grande do Sul e me aproximo da região de Caxias do Sul, que é onde eu moro, eu sinto cheiro de uva em determinadas épocas do ano. Então, eu crio um vínculo emocional. Eu tenho a impressão de que existem paisagens que provocam emoções, como, por exemplo, um migrante quando volta para casa e vê a sua cidade de novo, pela primeira vez depois de 20 anos. Nesse contexto, como é que a senhora enxerga as categorias de análise da geografia dentro da geografia das emoções? Elas são relevantes? Ou, pelo contrário, é preciso superá-las em prol de novas categorias, de novas geografias?

E, por outro lado, parece que existem profissionais e existem intencionalidades humanas voltadas ou preocupadas em gerar emoções. Por exemplo, o arquiteto quando planeja o

[67] PAIVA, Daniel; SILVA, Márcia Alves Soares da. Luso-Brazilian emotional geographies. Emotion, Space and Society, v. 52, p. 101025, ago. 2024.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Taj Mahal ou a Cidade Proibida, ou o publicitário quando propõe um outdoor ou ainda o fotógrafo quando escolhe o ângulo adequado em um casamento para gerar uma espécie de "memória eterna". Ontem eu estava conversando com o Leonardo sobre as possibilidades de pensarmos não só as categorias geográficas em função das emoções, mas também pensar no ser humano enquanto indutor racional de emoções. Então, quando o DJ Alok faz um show para um milhão de pessoas em Copacabana, existe uma intencionalidade não só dele, mas do Estado em gerar valores emocionais ali. E aí eu fiquei pensando em qual é a medida da mediação entre o que é emoção autêntica e o que é emoção induzida. Deveríamos separar isso, ou não? Usar a racionalidade para induzir emoções é algo perverso, ou não?

[MA]: Vou começar com essa questão das categorias que você traz. Eu acho que é uma questão importante porque há um entendimento que por trabalhar com emoções necessariamente a gente precisa trabalhar com conceito de lugar. E não é por aí que as geografias emocionais têm caminhado. Inclusive eu acho que, pelo menos as leituras que eu faço, são pouquíssimos trabalhos que vão discutir geografias emocionais a partir da perspectiva do conceito de lugar. Na verdade, é uma percepção que eu tenho: acho que a geografia brasileira traz muito essa ideia de que a gente precisa definir as categorias espaciais para produzirmos as nossas reflexões. Pelo menos as leituras que eu faço das geografias emocionais em outros contextos, em outras instituições, eu vejo que essas definições de categorias nem sempre são exigidas ou nem sempre são o foco central da reflexão. Você não vai ver necessariamente, no artigo que produz geografias emocionais, em sua parte introdutória uma discussão sobre o lugar ou a paisagem. Eu não vejo muito essa questão nas leituras que eu faço; eu entendo que as emoções podem ser analisadas a partir de todas as categorias geográficas.

Inclusive, se a gente está falando de um contexto, podemos analisar as emoções a partir de uma geografia mais crítica. Temos uma autora, que é a Alicia Lindón[68] do México, e ela trabalha muito na perspectiva das emoções a partir de bases de uma geografia crítica a partir do Lefebvre e de autores associados à discussão da geografia urbana. Então, eu não vejo a necessidade de associar as geografias emocionais estritamente ao lugar. Eu vejo que as geografias emocionais provocam, inclusive, a própria autoidentidade da geografia[69]. Eu entendo que as geografias emocionais não são apenas uma área da geografia, mas elas também provocam: o que é a geografia? Ou seja, provocam também o que são as nossas categorias espaciais. Porque, talvez, as emoções não têm recortes tão bem definidos que, às vezes, as categorias espaciais nos exigem. Vejo muitos trabalhos das geografias emocionais que vão discutir território, paisagem, lugar, e que, às vezes, não problematizam com clareza essas categorias. Às vezes, o foco é discutir as emoções e a questão espacial. Esse é um ponto.

Outra questão que você traz foi uma das coisas que me inquietou muito na minha tese de doutorado, porque, inclusive, na minha tese eu nem fiz esse recorte de categoria de análise. Eu trouxe, inclusive, um pouco desse histórico, no contexto brasileiro, destacando a herança da

[68] LINDÓN, Alicia. La construcción socio-espacial de la ciudad: desde la perspectiva del sujeto-cuerpo y el sujeto-sentimiento. In: XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología; VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires, 2009, Buenos Aires. Anais [...]. Buenos Aires: Asociación Latinoamericana de Sociología, 2009. p. 1–11.
LINDÓN, Alicia. Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia un renovado betweenness. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, João Pessoa, v. 11, n. 33, p. 698–723, dez. 2012.

[69] SMITH, Mick; DAVIDSON, Joyce; CAMERON, Laura; BONDI, Liz. Geography and emotion – emerging constellations. In: SMITH, Mick; DAVIDSON, Joyce; CAMERON, Laura; BONDI, Liz (ed.). Emotion, place and culture. Farnham: Ashgate, 2009. p. 1–18.

geografia humanista e da geografia cultural, para trabalhar com esses temas e que o conceito de lugar acaba sendo esse conceito-chave. Mas, na minha tese, por exemplo, eu propus a ideia de entender as espacialidades emocionais[70]. Entender, então, que as emoções nos convidam à ação para uma expressão espacial.

Portanto, a partir do nosso movimento corporal, a partir da nossa expressão do corpo, que é onde as emoções são produzidas, externalizamos e expressamos publicamente, coletivamente, socialmente as emoções, e isso produz espacialidades. Então, a ideia é exatamente pensar como as emoções externalizadas não surgem por si só. Surgem desse movimento do corpo[71]: não estou dizendo do movimento do corpo só no sentido de você andar pelo espaço; é justamente essa percepção que o corpo tem no/do espaço, e que isso produz uma experiência emocional. É um processo que faz com que os espaços tenham a sua singularidade, não sejam os mesmos pra mim e pra você. Podemos ter uma mesma materialidade naquele espaço, mas justamente pela nossa experiência emocional ser distinta, esse espaço vai tocar em nós, vai mexer em nós de forma diferenciada.

As geografias emocionais provocam essa questão dos dados e sentidos sensoriais: como que experienciamos, a partir do nosso corpo, um espaço que não se reduz à visão? A paisagem é aquilo que a visão abarca, mas a paisagem não se reduz somente ao sentido sensorial da visão o que é demonstrado pelo exemplo que você trouxe, Alfredo: a questão do cheiro das uvas no Rio Grande do Sul. Então, as geografias emocionais exploram como os nossos sentidos sensoriais, de forma mais ampla, nos traz informações sobre aquele espaço e produz uma experiência emocional específica.

Os lugares não são iguais para todos nós; podem ser similares materialmente, mas no sentido de experiência, da relação, são diferentes. Aí podemos pensar sobre a espontaneidade das emoções ou a produção das emoções. De fato, as emoções podem ser induzidas; há várias áreas do conhecimento que vão nessa perspectiva, por exemplo, a neuroarquitetura, quando vai explorar o aspecto das formas da arquitetura, da estética dos lugares e refletir como que isso pode induzir determinadas emoções ou então o debate das (produção) atmosferas afetivas. Temos um fenômeno mais atual, que são os espaços "instagramáveis". Temos espaços que são construídos, são concebidos para gerar determinadas emoções. Fica um pouco essa dúvida do que é espontâneo, do que é produzido. Então, a questão emocional tem esse grande desafio metodológico, que é entender as diferenças entre o que é espontâneo do que é produzido.

Talvez a grande questão seja as próprias pessoas poderem falar sobre as suas emoções; entender que as suas emoções são importantes para produzir um conhecimento sobre aquele lugar, sobre aquela espacialidade, sobre aquela realidade e que isso, de certa forma, pode ser utilizado em um debate mais amplo. Inclusive, vemos as produções das geografias emocionais permearem várias questões sobre gênero, mobilidade, segurança, comércio, lazer, turismo, saúde mental... No caso aqui do Brasil, vemos uma produção das geografias emocionais principalmente relacionada ao ensino, ao contexto escolar e de ensino da Geografia, ao espaço urbano e em temáticas que focam nas questões urbanas. Outra questão é relacionada à produção de paisagens, com foco nas paisagens culturais; acrescentam-se questões relacionadas à própria

[70] SILVA, Marcia Alves Soares da. O eu, o outro e o(s) nós: Geografia das Emoções à luz da Filosofia das Formas Simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e das narrativas de pioneiros da Igreja Messiânica Mundial. 2019. 303 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

[71] SILVA, Marcia Alves Soares; ARRUDA, Clodoaldo. Movimento como convite para fazer geografias: corpo, espaço e emoções. Geografares, Vitória, Brasil, v. 1, n. 32, p. 124–143, 2021.

arte. Aqui no Brasil a gente vê muitas produções de geografias emocionais ligadas às práticas e expressões artísticas, suscitando um debate interdisciplinar. Então, eu vejo que essas grandes produções aqui no Brasil vão um pouco nessa linha. Vemos a ampla possibilidade do debate, com destaque também para uma preocupação epistemológica. Temos visto muitos trabalhos também que vão problematizar o que são as geografias emocionais.

[LS]: É muito curiosa a relação que a senhora estabelece com Portugal. Queria entender um pouco: como é que isso encaixa nos seus interesses de pesquisa e na sua formação?

[MA]: Acho que a primeira coisa que justifica este laço é o idioma, que facilita bastante em especial nesses temas, porque percebo que é um desafio podermos falar sobre as nossas emoções num idioma que não seja o nosso. Essa talvez seja a primeira questão. Eu fiz meu doutorado Sanduíche em Portugal, na Universidade de Évora, por uma oportunidade de temática, porque foquei no trabalho do filósofo Ernst Cassirer[72], e o meu orientador era especialista nesse filósofo. Essa foi a primeira oportunidade de estreitar os laços com Portugal. E depois foi o contato com o pesquisador Daniel Paiva[73], da Universidade de Lisboa. Sempre brinco que eu sou uma pesquisadora meio cara de pau, assim: eu não tenho muita vergonha de entrar em contato com as pessoas, especialmente por e-mail e outras ferramentas para facilitar as interações. Então, o contato com o Daniel foi nessa perspectiva. Eu já conhecia o trabalho dele, a partir das leituras, desde a minha tese de doutorado, e aí eu encontrei com ele no Facebook, mandei uma mensagem, a gente começou a conversar e desde 2020 temos tido esse contato. Temos feito algumas produções em parceria, em especial com a organização do primeiro e segundo encontro Luso-Brasileiro geografias emocionais em 2021 e 2023. Essa parceria em torno das geografias emocionais também foi sendo estreitada, com a vinda do Daniel Paiva e a pesquisadora Daniela Ferreira[74] aqui para Cuiabá em 2022. Em 2023 eu fui a Portugal.

[LS]: O grupo do pesquisador Daniel Paiva está realizando trabalhos muito interessantes usando técnicas de biossensores. A senhora já conseguiu já estabelecer uma opinião sobre essas metodologias? Além disso, a senhora enxerga isso como um caminho para compreender como é que as pessoas são afetadas?

[MA]: Nós não temos nenhuma publicação ainda, mas estamos trabalhando em alguns artigos sobre a temática. Eu faço parte do projeto UrBio[75] do Daniel e, inclusive, a vinda deles aqui para o Brasil foi para desenvolver essa pesquisa com o uso dos biossensores: foi uma pesquisa que foi feita em Portugal, na Polônia e aqui no Brasil. Então eu tive esse contato com a utilização. Em 2023, quando eu fui para Portugal, nós fizemos um seminário interno[76] desse projeto com as pesquisadoras da Polônia, do Reino Unido, enfim, trabalhando sobre a questão

[72] Ernst Cassirer foi um filósofo alemão que destacou o papel dos símbolos na construção do conhecimento humano e da cultura.
[73] O Doutor Daniel Paiva é geógrafo e pesquisador do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
[74] A Doutora Daniela Ferreira é geógrafa e pesquisadora do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
[75] UrBio - Making urban planning and design smarter with participatory mobile biosensing - https://urbioproject.wixsite.com/home
[76] UrBio International Seminar - Participatory mobile biosensing. A tool for urban designers. https://urbioproject.wixsite.com/home/international-seminar

dos biossensores. Então, eu tenho bastante leitura sobre isso, embora nós ainda estejamos produzindo os resultados desse projeto.

Sobre a questão dos biossensores, eu vejo que está muito ligado com uma virada, que nós chamamos de virada dos métodos móveis, de pensar a questão do movimento, e aí isso inclui as tecnologias para a gente fazer investigações no campo da geografia. Há uma a preocupação de que as tecnologias são parte inerente da nossa sociedade, e, a partir disso, como que a poderíamos utilizar isso para as nossas pesquisas. No caso das geografias emocionais, o uso dos biossensores talvez seja um caminho para que materializemos as emoções de uma forma aparentemente mais fácil, diríamos assim, embora não possamos reduzir a experiência emocional somente a esses dados. Portanto, as pesquisas geralmente utilizam mais que uma metodologia, não se reduzindo aos dados dos biossensores. Misturam essas técnicas inovadoras com metodologias mais tradicionais, como entrevistas, questionários para que seja possível unir esses dados e fazer uma interpretação de forma conjunta.

Então, no caso dos biossensores, o que a gente entende é que eles trazem os dados emocionais ali, mas não explicam o porquê ou como esses dados se relacionam com uma experiência espacial. Então, nós utilizamos nesse projeto[77] o *Biossensor Empatica*[78], que é um biossensor que tem sua análise feita por meio de um software. São produzidos gráficos que por si só não dizem nada; é necessária uma interpretação e no caso do nosso projeto essa interpretação vai se dar a partir da própria pessoa que produziu esses dados. Esse biossensor se assemelha a um smartwatch - um relógio inteligente - que você consegue captar os níveis do que entendemos como dinâmicas emocionais ligadas à questão do movimento: os trajetos que as pessoas fazem, as percepções, os níveis de batimento cardíaco e estresse, e outros dados que aparecem ali, mas que só vão fazer sentido quando as pessoas os interpretam.

No caso desse projeto, aqui em Cuiabá, fizemos esse trabalho com estudantes da geografia, da arquitetura e da psicologia; a ideia era que eles pudessem percorrer, em dupla, um percurso de um quilômetro no Centro Histórico da cidade em, e que, ao final, eles se entrevistassem e, posteriormente, fizessem a interpretação dos dados em laboratório. Então, o biossensor é uma forma da gente materializar as emoções, ainda que por si só esses dados não digam nada. É preciso essa interpretação, que vai se dar a partir da própria pessoa que foi monitorada, a partir de sua percepção sobre a sua experiência emocional. Acho que o uso dos biossensores - ou de outras tecnologias que temos visto dentro dessa discussão das geografias emocionais -, se encaixe no sentido de propor metodologias, que o Daniel Paiva chama de metodologias criativas[79], mais contemporâneas, para que a gente possa ter outros dados sobre as questões emocionais para além das metodologias mais tradicionais que utilizamos como as entrevistas, questionários ou mapas mentais. Então, a ideia é que possamos ampliar a interpretação desses dados utilizando metodologias mais contemporâneas.

---

[77] PAIVA, Daniel; PEDRO, Tomás; BRITO-HENRIQUES, Eduardo; COSTA, Pablo; BOAVIDA-PORTUGAL, Inês; FERREIRA, Daniela; CACHINHO, Herculano. Biossensor data, participatory methods, and urban design. In: XIV Congresso da Geografia Portuguesa. Territórios em transição e sustentabilidade: crises e respostas. 14–17 nov. 2023, Lisboa. Anais [...]. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2023.
PAIVA, Daniel; GONÇALVES, Ana; FERREIRA, Daniela; PEDRO, Tomás; BOAVIDA-PORTUGAL, Inês. Communicating the urban experience through biosensing: a participatory approach. The Professional Geographer, v. 75, n. 6, p. 958–967, 2023.

[78] Ver: https://www.empatica.com/

[79] PAIVA, Daniel. Manual de Métodos Qualitativos em Geografia. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos; Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, 2024. (Compêndios de Geografia).

[AC]: E durante a pesquisa, vocês conseguiram estabelecer alguma correlação forte entre o que os sensores apontaram e o que as pessoas relataram?

[MA]: Sim, o caso de Cuiabá chamou bastante atenção. Alguns picos nos dados estavam muito relacionados com o desconforto térmico. Fizemos o trabalho ao ar livre e Cuiabá é uma cidade muito quente. Estávamos no centro da cidade e escolhemos um trajeto que é uma área comercial da cidade, então, havia muito comércio de rua, formado principalmente por imigrantes haitianos que estão aqui em Cuiabá e estão organizados no comércio informal. É preciso destacar que as ruas da cidade têm uma infraestrutura mais frágil, diríamos assim, em termos de caminhabilidade. Então, alguns aspectos dessa infraestrutura urbana e do desconforto térmico ficaram evidenciados nestes dados. Então percebemos que os picos dos dados estavam associados ao calor. Uma das coisas que estamos buscando é entender um pouco essa relação do desconforto térmico - que no caso aqui de Cuiabá é algo muito próprio do cotidiano - e como que isso impacta na experiência emocional na cidade.

[LS]: Eu imagino que as verbas de pesquisa sejam um problema nessa área, não são? Porque esses aparelhos não devem ser tão baratos...

[MA]: Sim, a questão do financiamento é relevante. Uma das perguntas que Leonardo fez nesta entrevista - sobre os obstáculos associados ao campo de investigação - dá para responder a partir da dificuldade do financiamento. Há uma leitura mais ampla de que esse debate nem sempre é o mais relevante na produção de conhecimento. Ao mesmo tempo é muito relevante o modo como materializamos essas emoções para além do discurso, para além de uma narrativa. Recursos e a tecnologia não são tão acessíveis aqui no Brasil. Esse "Biossensor *Empatica*", por exemplo, é custoso. E são metodologias apoiadas em tecnologias muito recentes. Então, às vezes, a gente tem as fragilidades de uso, de interpretação. Eu vejo que um dos grandes desafios para o avanço dessas áreas é a existência de recursos, de fato, para pesquisa e entender que acessar e compreender as emoções das pessoas é bastante relevante para discutirmos políticas públicas voltadas para a saúde, mobilidade, planejamento urbano, moradia, espaços públicos, direito à cidade e outras temáticas. Incorporar esse tipo de debate pode ser enriquecedor para pensar em políticas mais inclusivas, assertivas e condizentes com as necessidades reais das pessoas em seus cotidianos.

[LS]: No Congresso de Geografia Emocional fiquei impressionado com a quantidade de estudantes do Brasil que te referenciam e buscam seus trabalhos...

[MA]: Vejo que esse debate é muito promissor aqui no contexto do Brasil, especialmente mais recentemente com as produções também em língua portuguesa, que, como falei, a barreira dos idiomas é um grande limitador para podermos avançar nessa área. Temos hoje algumas ferramentas que facilitam. Eu mesmo, quando estava na minha tese, tive que ler em cinco idiomas e foi bastante desafiador. Temos um contexto bastante promissor das geografias emocionais; para quem está querendo iniciar nesse caminho ou se sente provocado por esse caminho, uma das questões que eu acho fundamental é ter em mente que as geografias emocionais são muito abertas e possíveis. Estamos falando de possibilidades. As geografias emocionais não são fechadas, colocadas em caixinhas. Eu vejo que as geografias emocionais são essa potência. Permitem muitos caminhos e possibilidades.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Como eu falei, isso não significa que não haja um rigor científico, que não haja uma preocupação também epistemológica, mas vejo que é um caminho que convida a muitas possibilidades, inclusive metodológicas; então vejo que é um caminho muito fértil. Mais recentemente eu tenho produzido nessa articulação com as geografias mais-que-representacionais, ou nas teorias não-representacionais que vocês já têm produzido. Acho que essas abordagens trazem ainda mais possibilidades para geografias emocionais quando convidam a pensar a importância do cotidiano, da geografia do que acontece, das práticas que aparentemente parecem ser banais, ordinárias, mas que trazem muito dessa experiência performativa da cidade, dos espaços e das dinâmicas espaciais.

Uma questão que não explorei é como que as geografias emocionais também questionam o nosso papel enquanto pesquisadoras e pesquisadores. Nós não produzimos conhecimento de forma neutra. As nossas práticas de pesquisa também nos afetam emocionalmente. Como que o afeto aparece na nossa escrita acadêmica ou na nossa interpretação dos dados? Então, essa pretensa racionalidade científica que separa razão e emoção e que é algo que foi fundante na formação da geografia enquanto uma ciência moderna, não cabe mais nos dias de hoje, pois limitam as nossas interpretações sobre as dinâmicas espaciais. Então, a gente vê também como que esse debate traz um caráter político das emoções: as emoções não são algo apenas que acontecem aqui dentro de corpos e pronto, acabou: reverberam politicamente, eticamente, ambientalmente, e, neste contexto, em outros debates em torno da ecofenomenologia[80] e das geografias mais-que-humanas.

Acho que as geografias emocionais provocam muito a geografia, a sua autoidentidade e renovação epistemológica, colocando as emoções como fonte de construção de um conhecimento geográfico e do cotidiano. Às vezes estamos procurando fatos extraordinários, mas as geografias emocionais acontecem no ordinário. Acontecem na banalidade da vida. Isso é parte fundamental do que é a vida. Então, quando falamos sobre essas dinâmicas do cotidiano, sobre o movimento de ir até a padaria, comprar um pão, o que esse caminho me diz? O que a história desse lugar ou a minha história me dizem? Então, acho que vai um pouco por aí. É entender também a nossa capacidade afetiva de produzir espacialidades, de fazer com que os lugares tenham as suas singularidades construídas justamente por essa interação afetiva. Fica o convite para que possamos continuar repensando a geografia à luz dessas questões emocionais, afetivas e sentimentais.

[AC]: Professora, para finalizar: a senhora considera que as geografias emocionais já têm corpo para ser uma disciplina dentro de uma graduação em geografia?

[MA]: Eu já propus uma disciplina de Geografia de Emocionais. Dei uma disciplina na UFPR e aqui na UFMT também, na pós-graduação. Acho que tem resistências: não é porque não haja uma base conceitual e teórica já organizada sobre isso, sistematizada, mas porque estamos falando de uma geografia brasileira na qual dualismos são muito presentes. Para compreender essa dificuldade em emplacar uma disciplina de geografia emocional, basta vermos que a

[80] A ecofenomenologia é uma abordagem filosófica que une a fenomenologia — o estudo da experiência vivida — com questões ecológicas e ambientais. Ela busca compreender como os seres humanos se relacionam sensivelmente e corporalmente com o mundo natural, destacando que a natureza não é apenas um objeto externo a ser observado, mas algo com o qual estamos profundamente entrelaçados em nossa existência cotidiana.

geografia cultural que já possui um histórico consolidado na academia e muitas vezes é escanteada em alguns departamentos.

[AC]: Professora Márcia, em nome da Recital, muito obrigado pela entrevista.

[MA]: Muito obrigada.

Entrevista realizada em ambiente virtual.

18 de março de 2024.

Agradecimentos

Agradecemos ao Professor Sérgio Lana Morais (IFNMG campus Teófilo Otoni) pelo auxílio na transcrição da entrevista.